

Editorial – n.78 v.36 – set./dez. 2022

*Marcos César Seneda**

Salientamos, em um Editorial progresso, do v. 33 n. 69, que “Dias melhores demorarão, mas continuaremos na faina!”. De fato, tivemos que lutar contra a falta de editais para periódicos científicos, contra a ausência de recursos e contra o desestímulo à publicação científica. Com muita resiliência e trabalho dos editores, a revista sobreviveu, tanto aos ventos federais contrários à produção de ciência em solo pátrio, quanto às pesadas exigências que desabaram sobre as revistas acadêmicas, exigindo dos periódicos em acesso aberto a organização de uma experiente e competitiva editora. Que o primeiro fator tenha se enfraquecido muito, não nos deve descuidar do fato de que a burocratização do trabalho científico e, principalmente, da produção acadêmica acentuou as suas possibilidades de controle e continuará a descaracterizar a produção lenta, ponderada e refletida, sobremaneira no terreno das ciências humanas.

No momento, todas as revistas brasileiras repassam suas fileiras de publicações, preparando-se para a batalha de números, fatores de impacto e estatísticas. Aproxima-se a avaliação do próximo quadriênio, e espera-se que a máquina de fazer trinados da reflexão científica possa se exprimir em índices e gráficos convincentes. Se fôssemos reunir artigos para definir o papel dos periódicos científicos nesse momento específico de sua trajetória no país, com certeza, “métricas” seria, hoje, a palavra-chave que ocuparia a quase totalidade dos metadados. É preciso ressaltar que aquilo que se desenhava no horizonte dos periódicos hoje se concretizou. Venceu a concepção abstrata de como se faz ciência, porque um de seus resultados mais eminentes, a publicação de artigos inéditos, pode agora ser tratado

* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mseneda@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1227-2866>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9151138206391021>. Membro do Comitê Editorial Executivo de Educação e Filosofia.

como um algoritmo. Os artigos revestiram-se de valor abstrato: eles podem receber investimento de seus autores; ou podem receber financiamento de agências de pesquisa; ou podem ser comercializados como unidade de valor administrada por uma editora. Desse modo, revistas muito diferentes umas das outras, marcadas por especificidades, oriundas de solos irredutíveis a uma característica comum, podem hoje ser colocadas lado a lado, mapeadas com facilidade e comparadas por aquilo que denominamos de métricas. São elas que compõem o valor abstrato de um periódico, e hoje em dia – por que não o dizer? – publicar significa basicamente poder partilhar dessa unidade de valor abstrato administrada por um periódico, que se expressa objetivamente por seu conjunto de métricas.

Por certo que é difícil se fazer uma ontologia do presente e avaliar as condições de existência de um periódico enquanto periódico. Como as transformações por que passamos são profundas e recentes, é difícil se posicionar em face delas. Mas agora, ao menos, podemos ver o aspecto dessa criatura disforme que navega celeremente e pode ser vista em todos os oceanos: a cientometria. Bem adaptada às condições do dia, ela mostra toda a sua eficiência. É claro que como na história de Jonas, sempre há a esperança de sermos vomitados na praia pela gigantesca criatura, mas também nada nos assegura, no nosso caso, que não seremos digeridos e assimilados por ela.

Mas retornemos ao que é o mais importante para nós, o fato de podermos trazer à luz mais um conjunto importante de trabalhos científicos e de podermos colaborar com a divulgação do conhecimento especializado. O presente número da revista Educação e Filosofia compõe-se de oito artigos e de um dossiê que faz uma avaliação sobre a “atualidade da hermenêutica do sujeito” de Michel Foucault. Temos então um número com 20 contribuições e uma resenha, que forma um acervo rico em reflexões e pesquisas.

No primeiro artigo, “Recuperar o corpo-mundo”, Lílian do Valle procura fazer uma avaliação da nossa modernidade por meio dos usos do corpo e de como isso foi interpretado pela disciplina denominada Filosofia

da Educação. O artigo chama a nossa atenção para que seja repensada a relação com o corpo no interior da educação. Há uma crítica importante do tratamento da educação sob um ponto de vista extremamente técnico e abstrato. Desse modo, a autora procura recuperar os elementos históricos e culturais do corpo para ampliar os afazeres da reflexão sobre a educação.

Em “O que é espiritualidade e como podemos abordá-la no ambiente escolar”, Marco Aurélio Corrêa Martins examina o tema importantíssimo da laicidade da escola e da sua relação com a espiritualidade e com a religião. Para fazer esse percurso, o autor vale-se da obra de um historiador e de três filósofos, a saber: André Vauchez, autor de *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*; André Comte-Sponville, que escreveu *O espírito do ateísmo*; Luc Ferry, que publicou *A revolução do amor*; e Marià Corbí, cujas reflexões se voltam *Para uma espiritualidade leiga*. A partir dessas investigações, o autor procura contribuir para circunscrever um ambiente plural e dialógico para a presença da espiritualidade nas escolas.

Examinando as contribuições da pedagogia portuguesa, Ernesto Candeias Martins reflete sobre “A análise à adolescência e jovens delinquentes pelo pedagogo português Faria de Vasconcelos: relação entre a inteligência e tipos de delitos”. A partir de uma metodologia hermenêutica, o autor examina como Faria de Vasconcelos (1880-1939) se insere no contexto da pedagogia de sua época; investiga suas contribuições para as concepções da infância e do desenvolvimento das crianças; e apresenta as inovações de seu pensamento ao examinar um tema muito importante, que envolve a socialização por meio da escola, a exclusão social e os problemas decorrentes da delinquência infanto-juvenil.

A partir do conceito de “ser mais”, da lavra do pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire, Sergio Roberto Moraes Corrêa tece suas reflexões sobre a “Crise da democracia e da educação no Brasil”. Examinando os problemas recentes da história do Brasil e da recente crise sanitária, o autor analisa como as características do pensamento liberal limitam o acesso das classes populares à educação e como isso pode impactar negativamente no processo de emancipação e de democratização da sociedade brasileira.

Nesse sentido, o pensamento de Paulo Freire fornece um fio condutor para a reflexão de uma pedagogia efetivamente libertadora.

As relações norte e sul e os problemas advindos da precarização do trabalho nas sociedades com maiores índices de educação formal são examinados no artigo “Educação e Qualificação Profissional no Contexto do Trabalho Migrante Sul-Norte”, escrito por Fabiane Santana Previtali, Cílon César Fagiani e Sérgio Paulo Morais. Através da análise de gráficos e percentagens, o trabalho mostra como, por intermédio da imigração, ocorre uma situação muito mais grave de expropriação do trabalhador, e como isso se tornou uma situação recorrente da reprodução do capital nas sociedades enriquecidas. A situação precária do imigrante acentua os efeitos da exploração política, econômica e social que é exercida sobre ele, mostrando como o processo da globalização opera para construir desigualdades marcadas geograficamente nas sociedades ao norte e ao sul do globo.

A partir da elaboração de uma tipologia construída a partir dos seres humanos no interior de uma universidade, António Camilo Cunha procura refletir sobre as relações entre o “homo violentus” e o “homo sabius” no artigo “A Universidade e o ‘homo sabius’. Crítica/Crítica”. Após explicar a terminologia que emprega e o porquê de tê-la cunhado, o autor examina o papel que a universidade desempenha na sociedade atual, destacando como a universidade sofre o impacto de estar inserida em uma estrutura produtiva do mundo do trabalho e como isso descaracteriza sua missão histórica. Desse modo, o autor opõe a noção de sabedoria à de conhecimento instrumental, com o intuito de repensar de modo crítico as tarefas da universidade no momento histórico em que ela está inserida.

Para repensar as estratégias da docência, o artigo “Grito. Gaguejo. Silêncio. (modos de re-existir na docência)” procura examinar vivências importantes como modos de expressão da docência. Nesse sentido, André Bocchetti e Teresa Gonçalves procuram estudar os espaços de intervenção para a atuação docente, repondo, a partir da reflexão sobre

acontecimentos e com o auxílio de Deleuze e Foucault, uma maneira de recuperar a multiplicidade das vozes no processo educativo.

No texto “O mapeamento no currículo cultural da Educação Física: cartografia e vadiagem”, Marcos Garcia Neira e Mário Luiz Ferrari Nunes valem-se da noção de currículo cultural para investigar o modo como as relações do ensino podem ser repensadas a partir de brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. Um dos objetivos do artigo é examinar os expedientes didático-metodológicos acerca da noção de mapeamento, aplicando-a à literatura investigativa disponível sobre o que se designa por currículo cultural. Com essa análise sistemática, os autores esperam lançar luz sobre as bases epistemológicas dessa nova abordagem e oferecer uma avaliação crítica acerca de seus fundamentos e possíveis resultados.

Este número traz ainda um importante dossiê, a saber, “Educação, produção de subjetividade e cuidado de si: a atualidade de *A hermenêutica do sujeito*”, coordenado por Sílvio Gallo e Alexandre Filordi de Carvalho. O dossiê é composto por doze contribuições, que visam examinar um tema decisivo para o pensamento de Michel Foucault tomando como ponto de partida suas aulas no Collège de France, que, em 1982 incidiram sobre o tema denominado pelo filósofo de uma “hermenêutica do sujeito”. A apresentação traz informações históricas e bastante elucidadoras para se avaliar a originalidade desse novo tema, e igualmente apresenta cada artigo que compõe o dossiê. Por isso, como o leitor pode se beneficiar dessa rica apresentação, nos cabe destacar a importância de se valer dessa data comemorativa para publicar esse conjunto de ensaios, os quais cumprem dúplex função: ao mesmo tempo em que retomam um tema caro ao pensamento do autor, também possibilitam explorar a riqueza, fecundidade e atualidade do seu pensamento.

Encerra este número a resenha do livro *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*, de Han Byung-Chul, professor da Universidade de Berlin. Essa resenha foi feita por Bernardo Gomes Barbosa Nogueira,

Eunice Maria Nazareth Nonato e Edmarcius Carvalho Novaes, explorando essa obra recentemente publicada pela Editora Vozes, em 2021.

Com alegria aguardamos a sua leitura, reflexão e sempre bemvinda companhia!

Marcos César Seneda
Conselho Editorial da Revista Educação e Filosofia